

PAULA SUSANA GIL LIMA GOMES

**VIOLÊNCIA EM RELAÇÕES DE NAMORO DE
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS:
COMPORTAMENTOS, ATITUDES E CORRELATOS**

Orientadora: Bárbara Nazaré

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

2º Ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde

Lisboa

2017

PAULA SUSANA GIL LIMA GOMES

**VIOLÊNCIA EM RELAÇÕES DE NAMORO DE
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS:
COMPORTAMENTOS, ATITUDES E CORRELATOS**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 25 de Julho de 2017, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º: 201/2017, com a seguinte composição:

Presidente: Prof.^a Doutora Ana Prioste
Arguente: Prof.^a Doutora Ana Filipa Beato
Orientadora: Prof.^a Doutora Bárbara Nazaré

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

2º Ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde

Lisboa

2017

Dedicatória

À minha família, que possibilitou a concretização deste trabalho, que encorajou todo o meu esforço e nunca deixou de acreditar.

Agradecimentos

Muitas foram as pessoas que, durante a elaboração desta dissertação, contribuíram, de algum modo, para tornar possível a sua concretização. Esta foi a forma que escolhi para lhes agradecer.

Em primeiro lugar, à minha orientadora Professora Bárbara Nazaré, pela sua orientação precisa e rigorosa, pelo contributo científico que me dispensou. A sua ajuda foi indispensável para a concretização desta caminhada.

A todos os professores que me acompanharam neste percurso académico e que me ensinaram o que sei hoje, em especial aqueles que levo no coração, um muito obrigado. Especialmente ao Professor João Pedro Oliveira, Professora Ana Rita Goes, Professora Isabel dos Santos, Professora Ana Luísa Loureiro, Professor João Richau e Professora Maria Louro. Julgo não existir forma mais bonita de vos agradecer, do que o compromisso absoluto com a paixão que nos uniu a todos: a psicologia.

À Andreia Duarte, por todo o apoio e motivação que foram muito importantes nesta fase da minha vida.

À Ana Catarina Navalho, pela sua boa disposição e motivação que me deu neste meu percurso.

Obrigada Kila José, por seres minha amiga e teres sempre uma palavra amiga.

À Célia Costa, por todo o auxílio nas fases críticas e pelas nossas conversas extremamente produtivas e relaxadoras.

À Ana Filipa Mourão, pela sua boa disposição e companheirismo!

Agradeço a todos os participantes deste estudo, alunos de várias universidades, assim como aos professores da ULHT que disponibilizaram tempo lectivo de uma aula para a apresentação do estudo e preenchimento dos questionários: Professora Ana Rita Goes, Professora Bárbara Nazaré, Professor Carlos Pessoa, Professora Ana Luísa Loureiro, Professora Diana Aguiar Santos e Professor João Richau.

Às validadoras das escalas que me deram autorização para as utilizar: Doutora Rosa Saavedra e Doutora Sónia Gregório. Especialmente à Doutora Rosa Saavedra, pela sua disponibilidade e rapidez em responder aos meus e-mails, sempre que a contactava.

À Professora Rosa Caridade e à Professora Joana Carvalho pela disponibilidade e rapidez na resposta ao meu e-mail e ao terem-me facultado os seus artigos.

E, ainda, a todas pessoas que directa ou indirectamente tornaram possível a realização deste estudo.

Agradeço do fundo do coração, com todo o amor, aos meus filhos, André e João, pelo enorme apoio e compreensão, possibilitando, assim, o realizar de um sonho meu. Sem eles, nada disto seria possível.

Muito obrigada

Resumo

A violência iniciada no namoro pode determinar o futuro padrão da relação, além de ser antecipador de agressões mais graves no futuro. O presente estudo tem como objectivo estudar a violência no namoro entre estudantes universitários. A amostra foi composta por 186 estudantes, entre os 18 e os 39 anos, sendo a maioria mulheres (84,9%). Os instrumentos utilizados foram um questionário sociodemográfico, a Escala de Avaliação Relacional, a Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro, o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes e o Questionário de Aceitação e Acção. O tipo de violência mais perpetrado por ambos os géneros foi o psicológico. Não se verificaram diferenças na frequência da perpetração e da vitimação, nos três tipos de violência (psicológica, física e sexual), em ambos os géneros. Nas atitudes, os homens mostraram-se mais legitimadores de violência. Os correlatos dos comportamentos de violência incluíram a satisfação relacional, evitamento experiencial, consumo de drogas e álcool e atitudes sobre a violência. Os programas de prevenção devem centrar-se na violência psicológica e dirigir-se a estudantes universitários de ambos os sexos.

Palavras-chave: Estudantes universitários; Violência física; Violência no namoro; Violência psicológica; Violência sexual.

Abstract

Dating violence may determine the future pattern of the relationship, as well as anticipate more serious aggressions in the future. The present study aimed to study dating violence among university students. The sample was composed of 186 students, between the ages of 18 and 39, with the majority being women (84.9%). The instruments used were a sociodemographic questionnaire, the Relationship Assessment Scale, the Attitudes Toward Dating Violence Scale, the Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory, and the Acceptance and Action Questionnaire. The type of violence most perpetrated by both genders was psychological violence. There were no differences in the frequency of perpetration and victimization in all three types of violence (psychological, physical, and sexual) in both genders. Regarding attitudes, men showed higher levels of violence legitimization. The correlates of violent behaviors included relational satisfaction, experiential avoidance, drug and alcohol use, and attitudes about violence. Prevention programs should focus on psychological violence and target university students of both sexes.

Keywords: University students; Physical violence; Dating violence; Psychological violence; Sexual violence.

Abreviaturas

AAQ-II- Questionário de Aceitação e Acção

CADRI- Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes

DP- Desvio Padrão

EAVN- Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro

et al.- e outros ou e colaboradores

H- Hipótese

M- Média

Max- Máximo

Min- Mínimo

RAS- Escala de Satisfação Relacional

SPSS- Statistical Package for the Social Sciences

ULHT- Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia

VFF- Violência Física Feminina

VFM- Violência Física Masculina

VPF- Violência Psicológica Feminina

VPM- Violência Psicológica Masculina

VSF- Violência Sexual Feminina

VSM- Violência Sexual Masculina

Índice Geral

Introdução	12
Definição e classificação dos comportamentos de violência no namoro	12
Prevalência dos comportamentos de violência no namoro.....	12
Correlatos dos comportamentos de violência no namoro	13
Género.....	13
Consumo de álcool e drogas	14
Duração da relação	15
Satisfação Relacional.....	15
Atitudes sobre a violência	16
Evitamento experiencial	17
Pertinência do estudo da violência	17
Relevância do estudo actual	18
Objectivos e hipóteses	18
Método.....	19
Participantes	19
Instrumentos	23
Questionário sociodemográfico.....	23
RAS	23
EAVN.....	23
CADRI.....	24
AAQ-II	25
Procedimento	25
Análise de dados.....	26
Resultados.....	26
Comportamentos de violência nas relações de namoro	26
Atitudes sobre a violência no namoro	31
Correlatos de comportamentos de violência por Género	32
Discussão.....	34
Limitações do estudo.....	38
Sugestões para estudos futuros.....	38
Pontos fortes do estudo	39
Implicações clínicas decorrentes dos resultados obtidos	39

Bibliografia.....	41
Anexos.....	I
Anexo I- CONSENTIMENTO INFORMADO	II
Anexo III- QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO	IV
Anexo III- CADRI.....	VII
Anexo IV- AAQ-II	X
Anexo V- EAVN.....	XI
Anexo VI- RAS	XV

Índice de Quadros

<i>Quadro 1 - Dados Sociodemográficos dos Participantes</i>	<i>21</i>
<i>Quadro 2 - Dados sociodemográficos dos(as) namorados(as).....</i>	<i>22</i>
<i>Quadro 3 - Estatísticas Descritivas e Comparações dos Comportamentos de Violência.</i>	<i>27</i>
<i>Quadro 4 - Frequência dos Comportamentos de Perpetração e Vitimação nos Homens</i>	<i>28</i>
<i>Quadro 5 - Frequência dos Comportamentos de Perpetração e Vitimação nas Mulheres</i>	<i>30</i>
<i>Quadro 6 - Estatísticas Descritivas e Comparações de Género nas Atitudes sobre a Violência no Namoro.....</i>	<i>31</i>
<i>Quadro 7 - Comparações entre Atitudes sobre a Violência no Namoro.....</i>	<i>32</i>
<i>Quadro 8 - Correlações entre a Perpetração de Violência e as Restantes Variáveis do Estudo por Género</i>	<i>33</i>
<i>Quadro 9 - Estatísticas Descritivas da RAS e AAQ-II por Género.....</i>	<i>34</i>

Introdução

Definição e classificação dos comportamentos de violência no namoro

Por violência no namoro, Murray e Kardatzke (2007) entendem um envolvimento em comportamentos violentos entre dois indivíduos que têm uma relação para além da amizade, partilham uma ligação sexual e/ou emocional e romântica, não são casados/noivos e não vivem em união de facto. A violência no namoro envolve diversos componentes (Murray & Kardatzke, 2007), incluindo a violência física (VF), a violência psicológica (VP) e a violência sexual (VS; Carr & VanDeusen, 2002).

A VF inclui agressões físicas com o propósito de causar dano na vítima, através do uso de força física. São exemplos deste tipo de violência empurrar, bater, pontapear, atirar objectos, usar uma arma, entre outros (Mouzos & Makkai, 2004; Murray & Kardatzke, 2007).

Segundo Shorey et al. (2014), a VP diz respeito a qualquer acto não físico realizado com intenção de magoar, podendo incluir um padrão de comunicação quer verbal, quer não-verbal. Pode envolver, não estando limitada a tal, comportamentos verbais como gritar, chamar nomes pejorativos e ameaçar.

A VS inclui obrigar o(a) namorado(a) a envolver-se num acto sexual através de ameaças e/ou uso da força física e proferir comentários sexuais indesejados em qualquer ambiente (Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996).

Prevalência dos comportamentos de violência no namoro

A violência no namoro, nas suas diferentes componentes, é comum entre os estudantes universitários (Murray & Kardatzke, 2007). Um estudo realizado por Nelas, Chaves, Coutinho, Cruz e Amaral (2016), com estudantes do ensino superior em Portugal, mostrou que a violência mais perpetrada era a VP, enquanto a frequência da perpetração da VF e VS foi significativamente inferior. Também Antunes (2016), relativamente à perpetração, verificou que o tipo de violência mais frequente foi a VP, em ambos os géneros, seguida pela VF e, por último, pela VS.

Num estudo realizado por Machado, Martins e Caridade (2014), com estudantes universitários portugueses, cerca de um terço dos participantes relatou ter perpetrado pelo menos um ato de VF ou VP em relação ao(à) seu(sua) namorado(a), no último ano. Já no estudo realizado por Fernandes, Dixe, Fabião, Neves e Tavares (2013), verificou-se que 5,9% já tinham vivido ou estavam a viver alguma situação de violência no namoro, sendo a VP (12,9%) a mais referenciada entre os estudantes universitários em Portugal.

No estudo realizado por Couto (2013), com estudantes universitários portugueses, foi a VP a mais perpetrada e a que originou mais vítimas. Também o estudo de Caridade (2011) foi ao encontro dos anteriores, tendo a mesma observado, numa amostra de estudantes do ensino secundário, profissional e superior, que uma percentagem significativa de estudantes evidenciou comportamentos violentos nas suas relações de namoro actuais e passadas, quer no que se refere à vitimação (25,4%), quer no que se refere à perpetração (30,6%). No que diz respeito à perpetração, a VP foi significativamente mais frequente do que a VF (22,4% vs. 18,1%). O estudo de Rodrigues, Freire, Rodrigues, Fernandes e Dias (2011) vai ao encontro dos anteriores estudos, sendo o tipo de violência mais evidenciado pelos jovens universitários a VP e o menos evidenciado a VS.

Correlatos dos comportamentos de violência no namoro

Quanto à abordagem explicativa para a violência no namoro, existem várias teorias, entre elas, a teoria ecológica de Bronfenbrenner. A teoria ecológica explica a violência como resultado de uma diversa rede de influências individuais e culturais, abrangendo as teorias macrossociológicas (inclinam-se sobre sistemas sociais em grande escala, como o sistema económico e político) e as teorias microssociológicas (debruçam-se sobre as interações em pequenos grupos). Esta teoria preocupa-se com as variáveis individuais, psicológicas e com a interacção sociocultural dos indivíduos nos seus vários contextos (Belsky, 1993). Segundo Machado (2010), a teoria ecológica é mais reconhecida na violência familiar.

No que diz respeito à violência no namoro, trata-se de um fenómeno multicausal, para o qual existem vários factores de risco culturais, familiares e pessoais (Machado, Caridade, & Martins, 2010). Existem diversas variáveis postuladas como predisponentes ou correlatos da violência no namoro, algumas das quais serão abordadas de seguida.

Género

Não existe unanimidade entre os vários estudos feitos até este momento, no que diz respeito às diferenças de género nos diversos tipos de violência (Caridade, 2011; Caridade & Machado, 2010).

Relativamente à perpetração, alguns estudos mostram diferenças de género. Por exemplo, na investigação com estudantes universitários portugueses de Nelas et al. (2016), os homens manifestaram mais comportamentos violentos do que as mulheres. Tal também se verificou no estudo de Rodrigues et al. (2011), com 380 estudantes universitários portugueses, a nível da VP, VF e VS. Em consonância com este estudo, Couto (2013) concluiu que a VF

severa era mais perpetrada por homens (11,9% vs. mulheres, 5,6%). No entanto, ao nível da VF moderada, verificou-se o inverso (mulheres, 17,4% vs. homens, 14,6%). Flake, Barros, Schraiber e Menezes (2013) e Shorey et al., (2008) concluíram que ambos os géneros perpetraram mais VP e menos VF.

Há ainda outros estudos que não identificaram diferenças em relação à perpetração. Teixeira (2015) concluiu, tendo por base apenas estatísticas descritivas, que a VF é aproximadamente igual para ambos os géneros. Machado et al. (2014), no que diz respeito à perpetração de comportamentos de violência total (englobando VP, VF moderada e VF severa), não encontraram diferenças significativas entre os géneros (28,6% entre as mulheres e 30,5% entre os homens). O mesmo se verificou para a VP, sendo a prevalência igual para homens e mulheres (21,1%). No que diz respeito à investigação internacional, Straus e Gozjolko (2014) e Thompson, Sims, Kingree e Windle (2008) concluíram que os estudantes universitários americanos, na maioria dos seus relacionamentos, perpetuam VP, não encontrando diferenças entre género.

Quanto à vitimação, os estudos também não são consistentes. O estudo de Machado et al. (2014) mostrou existirem diferenças significativas entre os géneros na violência total (mulheres: 30,4% vs. homens: 25,9%). Quanto à VF severa, o género feminino (12,2%) foi mais vítima do que o género masculino (6,5%). Adicionalmente, o estudo realizado por Couto (2013), com estudantes universitários portugueses, mostrou que o sexo feminino era significativamente mais vitimizado do que o masculino. Em consonância com os estudos anteriores, Rennison e Welchans (2000) concluíram que, entre os estudantes universitários americanos, as mulheres são mais vítimas do que os homens. Contrariamente aos estudos anteriores, Caridade (2011), num estudo feito a jovens do ensino universitário, ensino profissional, ensino secundário e jovens de fora do sistema de ensino, não registou diferenças de género. Também alguns estudos internacionais (Cornelius, Shorey, & Beebe, 2010; Shorey et al., 2008, 2012; Swan, Gambone, Caldwell, Sullivan, & Snow, 2008) concluíram que não existem diferenças de género a nível da VP.

Consumo de álcool e drogas

A nível nacional, o estudo realizado por Ávila (2013), com 311 estudantes universitários portugueses, mostrou que o consumo de álcool e drogas se relaciona positivamente com a violência nas relações de namoro.

A nível internacional, também encontramos vários estudos que evidenciam esta associação. Um estudo realizado por Shorey, Brasfield, Zucosky, Febres e Stuart (2015), com

estudantes universitários do género masculino nos Estados Unidos da América, demonstrou que o uso de álcool estava positivamente relacionado com os três tipos de violência, sendo a correlação mais forte com a VS. De forma semelhante, a investigação feita por Shorey, Stuart, Moore e McNulty (2014), a estudantes universitárias do género feminino nos Estados Unidos da América, mostrou que o consumo de álcool aumenta a perpetração de violência no namoro. Em dias de maior consumo de bebidas alcoólicas, foi perpetrada mais VP e VF, em comparação com os dias em que não eram consumidas bebidas alcoólicas. Para cada bebida consumida adicionalmente, a probabilidade de VP e VF aumentou 16% e 13%, respectivamente. O consumo de álcool também foi associado positivamente com a VS.

Um estudo feito por Saldivia e Vizcarra (2012), com estudantes universitários do Chile, mostrou uma relação positiva entre o consumo de drogas e a perpetração de VP e VF. De uma forma semelhante, o estudo realizado por Shorey, Stuart e Cornelius (2011) confirma uma associação consistente entre álcool e a perpetração na violência no namoro, embora no uso de drogas a associação seja menos clara.

Outro estudo feito em Portugal não foi ao encontro da investigação feita até ao momento. No estudo de Borges (2016), com estudantes universitários portugueses, não foi encontrada qualquer relação entre a violência no namoro e o consumo de substâncias, tanto para as vítimas como para os perpetradores.

Podemos concluir que os estudos internacionais mostram uma relação entre a violência no namoro e o consumo de álcool e drogas. No que diz respeito aos estudos feitos em Portugal, não existe consenso.

Duração da Relação

A violência no namoro tem tendência a prolongar-se durante anos e a aumentar de frequência e gravidade (Cabral, Gonçalves, & Tomé, 2012; Nelas et al., 2016). Segundo Dixe et al. (2011), numa investigação feita a estudantes universitários da zona centro de Portugal, a violência no namoro ocorre com mais gravidade quando a relação está fortalecida e oficializada. No entanto, segundo Couto (2013), numa investigação feita a estudantes universitários, formando 180 casais heterossexuais com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos de idade, não existe correlação entre a duração do namoro e a presença de violência no mesmo.

Satisfação relacional

Que tenhamos conhecimento, a relação entre a satisfação relacional e os comportamentos de violência no namoro não foi estudada entre os estudantes universitários portugueses, daí apresentarmos resultados de investigações realizadas noutros países.

Testa e Leonardo (2001), numa investigação feita a estudantes universitários dos Estados Unidos da América, concluíram que, quanto mais elevado é o nível de violência no namoro, menor é a satisfação das vítimas nas relações com o abusador. Em consonância com estes resultados, Shorey et al. (2014), numa investigação feita a estudantes universitários dos Estados Unidos da América, verificaram que a satisfação na relação se associa negativamente com a VF.

Segundo Khaddouma, Shorey, Brasfield e Febres (2016), o nível elevado de satisfação pode levar a que haja menos probabilidade de recorrer a comportamentos menos saudáveis, na relação de namoro.

Atitudes sobre violência

As atitudes, segundo Ajzen (citado por Duarte & Lima, 2006), diferenciam-se dos comportamentos, dado que não são directamente observáveis. São predisposições para se adoptar comportamentos, que podem explicá-los. A atitude é um constructo psicológico hipotético, que pode estar associado a observações comportamentais. As atitudes e/ou crenças violentas têm sido conceptualizadas como um dos preditores mais consistentes da violência íntima (Machado, 2010).

No que diz respeito ao nível de legitimação da violência, Machado et al. (2014) encontraram valores baixos entre os estudantes universitários portugueses. De forma mais específica, Monteiro (2015) verificou que a VP apresentou níveis significativamente maiores de legitimação em comparação à VF e à VS, a nível da perpetração, em ambos os géneros. Por outro lado, a VS foi pouco legitimada pelos participantes deste estudo.

Quanto às diferenças de género nestas atitudes, Vieira (2013) e Machado et al. (2014) mostraram maior aceitabilidade entre os homens. Em particular, Antunes (2016) encontrou maior tolerância dos homens no que diz respeito à VF, VP e VS, perpetradas quer por mulheres, quer por homens. Contrariamente aos estudos anteriores, Dixe e Santo (2013) não identificaram diferenças entre géneros.

Relativamente à relação entre atitudes e comportamentos, Murray, Wester e Paladino (2008) verificaram que estas influenciam a probabilidade de as pessoas se envolverem em relacionamentos de namoro violentos. Os estudantes envolvidos em relacionamentos violentos tendem a acreditar que, no namoro, a violência é mais comum do que realmente é. Em consonância com este estudo, Vieira (2013) verificou que os jovens alvo de violência parecem legitimar mais a violência que os estudantes não vítimas. Por outro lado, Machado et al. (2014)

indicaram que, embora os estudantes universitários demonstrassem desaprovação do uso de qualquer tipo de violência, tendiam a ter utilizado, no último ano, algum tipo de violência.

Evitamento experiencial

O evitamento experiencial, segundo Hayes, Wilson, Gifford, Follete e Strosahl (1996), é um processo que envolve falta de vontade de experienciar certas sensações corporais, emoções, pensamentos ou memórias, existindo acções para controlar a frequência e/ou intensidade dos mesmos ou os contextos que os ocasionam, mesmo quando isso leva a acções que são incongruentes com os objectivos valorizados.

O evitamento experiencial está associado à violência no namoro (Hayes et al., 1996). Que tenhamos conhecimento, esta relação não foi estudada entre os estudantes universitários portugueses, daí apresentarmos resultados de investigações internacionais. Níveis mais altos de evitamento experiencial estão associados com uma maior perpetração da VP, VF e VS. É possível que os indivíduos com tendência para o evitamento experiencial sejam mais propensos a cometer violência no namoro, pois esta pode ser uma estratégia desadaptativa de enfrentamento, que pode ser utilizada por alguns indivíduos como uma tentativa de reduzir as emoções negativas ou evitar as emoções angustiantes (Banyard, Cross, & Modecki, 2006; Hickman, Jaycox, & Aronoff, 2004; Shorey et al., 2008, 2011, 2014). No estudo de Shorey et al. (2012), 90% dos jovens universitários dos Estados Unidos da América utilizaram a VP para diminuição de emoções negativas.

Muitas vezes, o evitamento experiencial é uma estratégia eficaz a curto prazo e produz algum alívio imediato nas experiências emocionais intensas, mas a sua utilização ao longo do tempo torna-se negativa (Kashdan, Barrios, Forsyth, & Steger, 2006). A vida do indivíduo torna-se numa luta contínua, cada vez mais longe dos seus objectivos (Chawla & Ostafin, 2007), uma vez que os indivíduos tendem a esquecer o que querem para a sua vida, para além do alívio da dor psicológica (Hayes et al., 2004).

Pertinência do estudo da violência

Um projecto desenvolvido por Straus (2004), que envolveu 31 universidades de 16 países, concluiu que a violência na intimidade dos jovens universitários é um problema à escala mundial.

Segundo diversos autores (Cornelius & Resseguie, 2007; Flake et al., 2013; Machado, 2010; Nelas et al., 2016; Paiva & Figueiredo, 2003), a violência entre namorados é um problema de saúde pública, com implicações negativas (e.g., baixa auto-estima, depressão, raiva, abuso

de substâncias, problemas gastrointestinais e cardiovasculares) para a saúde física e mental dos homens e mulheres envolvidos. Muitas vezes, a violência começa na fase de namoro, podendo determinar o futuro padrão da relação, além de ser antecipadora de agressões mais graves no futuro.

Nos últimos anos, a violência entre parceiros íntimos – e, especialmente, a violência que ocorre entre jovens namorados (estudantes do secundário e universitários) –, tem aumentado exponencialmente, constituindo um problema social grave (Straus, 2004; Shorey et al., 2008, 2014).

A investigação sobre a violência no namoro é importante para identificar factores de risco e de protecção passíveis de ser alterados futuramente, no âmbito de programas de prevenção e intervenção (Shorey et al., 2014).

Relevância do estudo actual

Tornou-se relevante desenvolver a investigação em jovens universitários, uma vez que, nesta faixa etária, a relação íntima tem uma duração mais prolongada, podendo muitas vezes levar ao casamento (Makepeace, 1981). A violência no namoro é um factor preditor da violência no casamento, sendo que cerca de 30% dos namorados se casam nos cinco anos seguintes (O’Leary et al., 1989). Verificou-se que é no início da idade adulta que a violência tende a ser mais prevalente (Bachman & Saltzman, 1995).

Adicionalmente, segundo Machado et al. (2014), os padrões de violência podem ser diferentes nas relações de namoro e nas de casamento. Nas relações de namoro, a violência é menos evidente a nível físico e psicológico, existindo menos atos violentos que deixem marcas visíveis.

Também existe pouca investigação sobre a relação entre o evitamento experiencial e a violência. Este factor está associado à violência no namoro, tendo recebido pouca atenção empírica até ao momento (Shorey et al., 2014).

Objectivos e Hipóteses

Com o propósito de estudar a violência nas relações de namoro dos estudantes universitários, delineámos para o presente estudo os seguintes objectivos e hipóteses:

- Objectivo 1: Descrever e comparar a frequência dos vários tipos de comportamento de violência nas relações de namoro, em separado para cada género.

Hipótese 1a: espera-se que a VP seja a mais perpetrada pelos estudantes universitários nas relações de namoro.

- Objectivo 2: Comparar os géneros relativamente à frequência dos vários tipos de comportamento de violência nas relações de namoro.

- Objectivo 3: Comparar as várias atitudes dos estudantes universitários sobre a violência nas relações de namoro, em separado para cada género.

- Objectivo 4: Comparar os géneros relativamente às atitudes sobre a violência nas relações de namoro.

- Objectivo 5: Analisar a relação entre perpetração de violência nas relações de namoro e consumo de álcool, consumo de drogas, duração da relação, satisfação relacional, atitudes acerca da violência no namoro e evitamento experiencial.

Hipótese 5a: espera-se que a satisfação relacional se associe negativamente à perpetração de violência no namoro;

Hipótese 5b: espera-se que o evitamento experiencial se associe positivamente à perpetração de violência no namoro.

Método

Participantes

O presente estudo contemplou os seguintes critérios de inclusão para os participantes: 1) ser estudante de uma instituição de Ensino Superior portuguesa, 2) ter idade igual ou superior a 18 anos e 3) estar actualmente envolvido numa relação de namoro. Dos que responderam ao protocolo de avaliação, foram excluídos seis participantes com orientação sexual homossexual e dez participantes de outra nacionalidade, por constituírem grupos muito pequenos; assim, privilegiou-se a homogeneidade da amostra nestas características. Também foram eliminados onze participantes pelo facto de não serem estudantes universitários. Assim, a amostra final foi composta por 186 participantes.

Em termos de género, destaca-se a participação de 158 mulheres (84,90%) e 28 homens (15,10%). A maioria residia em meio urbano e não coabitava com o(a) namorado(a). Não existiram diferenças significativas entre géneros em todas as variáveis, excepto na situação profissional, consumo de álcool e consumo de drogas. No que diz respeito à situação profissional, a percentagem de estudantes é superior entre as mulheres, enquanto a percentagem de trabalhadores-estudantes é superior entre os homens. Em relação ao consumo de álcool, a percentagem de pessoas que nunca consumiram e de pessoas que consomem uma ou mais vezes

por semana é superior entre os homens; a percentagem que consome álcool menos de uma vez por semana é superior entre as mulheres. Quanto ao consumo de drogas, a percentagem de pessoas que consomem menos de uma vez por semana ou com maior frequência é superior entre os homens; a percentagem que nunca consumiu drogas é superior entre as mulheres (Quadro 1).

Quadro 1

Dados Sociodemográficos dos Participantes

Variáveis	Masculino				Feminino				<i>t</i>	<i>p</i>
	(n = 28; 15,10%)				(n = 158; 84,90%)					
	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min.	Máx.	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min.	Max.		
Idade	23,36	2,96	19	32	22,16	3,34	18	39	-1,77	0,079
Anos escolaridade completos	13,96	2,19	12	22	14,34	2,13	12	21	0,86	0,390
Duração relação em meses	28,64	26,44	2	120	35,20	28,09	1	144	1,15	0,253
	<i>n</i>		%		<i>n</i>		%		χ^2	<i>p</i>
Área residência:										
Algarve	1		3,60		6		3,80			
Alentejo	0		0,00		3		1,90			
Centro	3		10,7		56		35,40			
Norte	5		17,9		48		30,40			
Lisboa e Vale do Tejo	19		67,9		45		28,50			
Residência:										
Urbano	23		82,10		112		70,90		1,51	0,218
Rural	5		17,90		46		29,10			
Coabitação com o(a) namorado(a):										
Sim	7		25,00		30		19,10		0,54	0,463
Não	21		75,00		128		81,00			
Situação profissional:										
Estudante	18		64,30		134		84,80			
Trabalhador-estudante	10		35,70		24		15,20		6,71	0,010
Consumo álcool:										
Nunca	10		35,70		44		27,80			
<1vez por semana	11		39,30		98		62,00		20,18	<0,001
≥1vez por semana	7		25,00		16		10,20			
Consumo drogas:										
Nunca	23		82,10		146		92,40			
<1vez por semana	2		7,10		9		5,70		10,00	0,040
≥ 1 vez por semana	3		10,80		3		1,90			

No que refere aos dados sociodemográficos dos(as) namorados(as), estes têm idades compreendidas entre 17 e 39 anos, sendo a escolaridade mínima de 7 anos e a máxima de 22 anos. Existem diferenças entre os géneros em todas as variáveis, excepto no meio de residência e consumo de drogas. Essas diferenças foram ao nível da: idade, sendo os homens mais velhos; escolaridade, tendo as mulheres mais anos de estudo; situação profissional, com as mulheres a apresentar uma percentagem mais alta de estudantes e os homens a apresentar uma percentagem mais alta de trabalhadores-estudantes e de trabalhadores a tempo inteiro; e, por fim, consumo de álcool, tendo os homens uma percentagem mais alta de consumo inferior a uma vez por

semana e igual ou superior a uma vez por semana, enquanto as mulheres, na sua maioria, nunca consumiram álcool (Quadro 2).

Quadro 2

Dados Sociodemográficos dos(as) Namorados(as)

Variáveis	Masculino				Feminino				t	p
	(n = 158; 84,90%)				(n = 28; 15,10%)					
	M	DP	Min.	Max	M	DP	Min.	Max.		
Idade	23,84	4,13	17	38	22,04	2,37	17	30	2,25	0,026
Anos escolaridade completos	13,31	2,39	7	21	14,32	2,26	12	22	-2,08	0,039
	n	%			n	%			χ^2	p
Área residência:										
Algarve	7	4,4			1	3,60				
Alentejo	4	2,5			0	0				
Centro	53	33,5			2	7,10				
Norte	50	31,6			6	21,40				
Lisboa e Vale do Tejo	43	27,2			18	64,30				
Fora de Portugal	1	0,6			1	3,60				
Residência:										
Urbano	45	28,50			21	75,00			0,14	0,705
Rural	113	71,50			7	25,00				
Situação profissional:										
Estudante	68	43,00			23	82,10				
Trabalhador-estudante	21	13,30			3	10,70				
Trabalhador a tempo inteiro	57	36,10			1	3,60			16,68	0,005
Outras	12	7,60			1	3,60				
Consumo álcool:										
Nunca	24	15,20			12	42,90				
<1vez por semana	96	60,80			11	39,30			12,59	0,013
≥ 1vez por semana	38	24,00			5	17,90				
Consumo drogas:										
Nunca	135	85,40			28	100				
<1vez por semana	16	10,10			0	0			4,65	0,199
≥ 1vez por semana	7	4,40			0	0				

Instrumentos

Para a realização deste estudo, foram utilizados os seguintes instrumentos: questionário sociodemográfico, Escala de Satisfação Relacional (RAS), Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN), Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI) e Questionário de Aceitação e Acção (AAQ-II).

Questionário sociodemográfico

Para a recolha de dados sociodemográficos, foi elaborado um questionário para recolher os seguintes dados em relação ao participante e respectivo(a) namorado(a): dados demográficos (idade, género, nacionalidade, orientação sexual, área de residência, escolaridade, situação profissional), dados sobre o estilo de vida (consumo de bebidas alcoólicas e de drogas) e dados sobre a relação (duração do namoro).

RAS

A RAS avalia de forma subjectiva e genérica a satisfação relacional. É uma adaptação da Relationship Assessment Scale, que foi desenvolvida por Hendrick (1988) e Hendrick, Dricke e Hendrick (1998). A escala foi traduzida para a população portuguesa por Santos e colaboradores (2000) e revista por Lind (2008).

É uma escala de auto-relato constituída por 7 itens e mede uma única dimensão. Cada item é avaliado numa escala de cinco níveis, desde o nível de menor satisfação até ao nível de maior satisfação, que variam consoante o conteúdo dos itens. Valores superiores a 4,0 podem ser indicadores de parceiros satisfeitos, valores abaixo de 3,5 (homens) e entre 3,0 e 3,5 (mulheres) podem sugerir alguma insatisfação na relação (Lind, 2008; Pires, 2011). Na versão portuguesa de Santos e colaboradores (citados em Lind, 2008), o valor de alfa de Cronbach foi de 0,86. No estudo de Lind (2008), o alfa de Cronbach foi de 0,93 para as mulheres e 0,91 para os homens. No presente estudo, o alfa de Cronbach dos homens foi de 0,68 e o das mulheres foi de 0,83.

EAVN

A EAVN avalia as atitudes dos sujeitos relativamente à VP, VF e VS nas relações de intimidade na adolescência, podendo ser aplicado a adultos. A EAVN é uma adaptação da Attitudes Toward Dating Violence Scale, que foi desenvolvida por Price e Byers (1999) e Price et al. (2000). O inventário foi traduzido e adaptado para a população portuguesa por Saavedra, Machado e Martins (2008).

Trata-se de um instrumento de auto-relato constituído por 76 itens, organizados em seis subescalas de atitudes face à violência no namoro (três subescalas de atitudes face à

violência masculina e três face à violência feminina; Saavedra, Machado, & Martins, 2010). Os itens são avaliados numa escala de Likert, que varia de *Discordo totalmente* (1) a *Concordo totalmente* (5). O valor de cada subescala é calculado pela média dos seus itens, sendo que pontuações mais elevadas apontam para uma maior legitimação da utilização de comportamentos abusivos nos relacionamentos. Na versão adaptada, o alfa de Cronbach da escala total foi de 0,94, representando elevado nível de consistência interna. As seis subescalas da versão adaptada portuguesa assumiram valores de alfa de Cronbach entre 0,64 e 0,86 (Saavedra, 2010). No presente estudo, para o género feminino, o alfa de Cronbach variou de 0,74 (Violência Sexual Masculina, VSM) a 0,85 (Violência Física Feminina, VFF). Em relação ao género masculino, o mínimo e o máximo foram 0,73 (VFF) e 0,87 (Violência Física Masculina, VFM).

CADRI

O CADRI é um inventário de auto-relato que avalia a utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas (ou não abusivas) e abusivas nas relações de namoro entre jovens, distinguindo o comportamento do próprio do comportamento do namorado (Saavedra, 2010).

O CADRI é uma adaptação do Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI), que foi desenvolvido por De Wolfe, Scott, Straatman, Grasley, & Reitzel-Jaffe (2001). O inventário foi adaptado para a população portuguesa por Saavedra, Machado, Martins e Vieira (2008). É constituído por 70 itens, organizados em duas dimensões com 35 itens cada: comportamentos executados pelo próprio (perpetração) e comportamentos de que é alvo por parte do namorado (vitimação). Cada dimensão é composta por dois factores: um referente às estratégias de resolução de conflitos positivas ou não abusivas (não consideradas no presente estudo) e outro às estratégias de resolução de conflitos abusivas (utilizado neste estudo).

Neste inventário, também é possível destacar cinco subescalas correspondentes a diferentes tipos de violência: VP; VF; VS; comportamento ameaçador e violência relacional. Devido ao foco do presente estudo, apenas são consideradas as três primeiras. A primeira parte do questionário não foi aplicada, visto que as questões que dela faziam parte não foram necessárias para o presente estudo.

A cotação dos itens do instrumento varia de 0 (*Nunca*) a 3 (*Frequentemente*), numa escala de tipo Likert. Em relação à pontuação das dimensões utilizadas no estudo, por estas incluírem um número de itens desigual, foi calculada com base na média. Pontuações mais altas

indicam maior frequência de violência na relação de namoro (Saavedra, Machado, Martins, & Vieira, 2011).

No presente estudo, em relação à perpetração, para o género feminino, o alfa de Cronbach variou de 0,77 (VF) a 0,78 (VP). A subescala VS não foi utilizada devido à baixa consistência interna (0,16). Em relação ao género masculino, o mínimo e o máximo foram 0,79 (VP) e 0,85 (VP). Em relação à vitimação, no presente estudo, para o género feminino, o alfa de Cronbach variou de 0,66 (VS) a 0,91 (VF). Para o género masculino, o mínimo e o máximo foram 0,64 (VS) e 0,82 (VP).

AAQ-II

O AAQ-II avalia o evitamento experiencial e a flexibilidade psicológica. O AAQ-II é uma adaptação do Acceptance and Action Questionnaire – II, que foi desenvolvido por Bonde et al. (2011). A escala foi adaptada para a população portuguesa por Pinto-Gouveia, Gregório, Dinis e Xavier (2012). É unidimensional e constituído por 7 itens, respondidos numa escala de tipo Likert que varia entre *Nunca verdadeiro* (1 ponto) e *Sempre verdadeiro* (7 pontos). Pontuações maiores indicam maior rigidez psicológica ou evitamento experiencial. O alfa de Cronbach obtido na adaptação portuguesa foi de 0,89 (Pinto-Gouveia, Gregório, Dinis, & Xavier, 2012). No presente estudo, o alfa de Cronbach feminino foi de 0,92 e o masculino de 0,93.

Procedimento

Este estudo é de natureza quantitativa, transversal e correlacional. O primeiro passo foi a submissão do projecto à Comissão de Ética e Deontologia da Investigação Científica da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT). Depois da aprovação do projecto, procedeu-se aos pedidos de autorização aos autores dos instrumentos (RAS, EAVN, CADRI e AAQ-II) para utilização dos mesmos no âmbito do presente estudo. Foi criada uma plataforma *online* para recolha da amostra, na qual se disponibilizaram os instrumentos. O respectivo *link* foi divulgado à população geral, através das redes sociais e às associações de estudantes e secretarias do ensino superior de Portugal, através de e-mail. A recolha de dados também decorreu presencialmente em sala de aula com aplicação em grupo, depois de a investigadora ter contactado alguns docentes da ULHT, de várias unidades curriculares e de anos diferentes. Os potenciais participantes foram seleccionados através de uma amostragem não probabilística do tipo de conveniência. Os participantes colaboraram voluntariamente e sem remuneração, sendo garantidos o anonimato e a possibilidade de desistir do estudo a qualquer momento. Após a explicitação dos objectivos

do estudo, os participantes assinaram o consentimento informado (ver Anexo I). O conjunto de instrumentos foi aplicado num protocolo único e em regime de auto-administração na presença da investigadora. Alguns participantes levaram o protocolo de avaliação para casa e devolveram-no posteriormente à investigadora. O preenchimento do protocolo de avaliação teve uma duração média de 25 minutos. Foram esclarecidas eventuais dúvidas relacionadas com as questões e/ou vocabulário.

Análise dos dados

À medida que os dados foram recolhidos, tanto em papel como em formato digital, foram inseridos ou exportados para o *software Statistical Package for Social Sciences*, no qual foram analisados. Em primeiro lugar, foram calculadas estatísticas descritivas (frequências, média, desvio-padrão, mínimo e máximo) das variáveis em estudo. Foram feitas análises comparativas: para variáveis contínuas, usou-se o teste *t* de Student e a análise de variância multivariada (MANOVA); para variáveis categoriais utilizou-se o teste do qui-quadrado. Foram ainda feitas correlações para avaliar a associação entre as variáveis. As correlações foram fortes quando estiveram entre $0,50 < r < 1,0$, médias entre $0,30 < r < 0,49$ e fracas entre $0,10 < r < 0,29$ (Cohen, 1998).

Resultados

Comportamentos de violência nas relações de namoro

Quanto ao primeiro objectivo, os resultados foram apresentados em separado para cada género, dada a eliminação da subescala VS para as mulheres. Ao nível da perpetração dos homens e da vitimação de ambos os géneros, o padrão de comportamento é semelhante, sendo a VP significativamente mais frequente do que os outros tipos de violência. Em relação à perpetração das mulheres, houve diferenças entre VP e VF, sendo a VP significativamente mais frequente (Quadro 3).

Quadro 3

Estatísticas Descritivas e Comparações dos Comportamentos de Violência

Variáveis	Perpetração				Vitimação			
	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
VF	0,18	0,48	0,12	0,30	0,18	0,38	0,10	0,35
VS	0,21	0,46			0,20	0,42	0,10	0,26
VP	0,81	0,65	0,89	0,65	0,90	0,70	0,71	0,55
	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
VF vs VS	-0,39	0,699			-0,24	0,811	0,00	1,000
VF vs VP	-7,25	0,000	-16,54	<0,001	-6,91	<0,001	-14,80	<0,001
VS vs VP	-4,43	0,000			-5,39	<0,001	-14,26	<0,001

Nota. Violência física (VF); Violência sexual (VS); Violência psicológica (VP).

Em relação à frequência dos diferentes comportamentos no género masculino, na VF, destaca-se empurrar (perpetração), bofetear e atirar coisas (vitimação). No que diz respeito à VS (perpetração e vitimação), o comportamento mais comum foi forçar a beijar. Quanto à VP (perpetração e vitimação), os comportamentos mais frequentes foram usar tom de voz agressivo, culpabilizar e dizer coisas para irritar (Quadro 4).

Quadro 4

Frequência dos Comportamentos de Perpetração e Vitimação nos Homens

Tipos de violência	Itens	Perpetração				Vitimação			
		<i>Nunca</i>	<i>Raramente</i>	<i>Às vezes</i>	<i>Frequent.</i>	<i>Nunca</i>	<i>Raramente</i>	<i>Às vezes</i>	<i>Frequent.</i>
		<i>n(%)</i>	<i>n(%)</i>	<i>n(%)</i>	<i>n(%)</i>	<i>n(%)</i>	<i>n(%)</i>	<i>n(%)</i>	<i>n(%)</i>
VF	Atirar coisas	25(89,30%)	3(10,70%)	0	0	24(85,70%)	4(14,30%)	0	0
	Pontapear	25(89,30%)	2(7,10%)	0	1(3,60%)	25(89,30%)	2(7,10%)	1(3,60%)	0
	Bofetear	25(89,30%)	2(7,10%)	0	1(3,60%)	22(78,60%)	5(17,90%)	1(3,60%)	0
	Empurrar	24(85,70%)	2(7,10%)	1(3,60%)	1(3,60%)	25(89,30%)	2(7,10%)	0	1(3,60%)
VS	Tocar sexualmente	26(92,90%)	1(3,60%)	1(3,60%)	0	26(92,90%)	1(3,60%)	0	1(3,60%)
	Forçar a ter relações sexuais	26(92,90%)	1(3,60%)	1(3,60%)	0	26(92,90%)	1(3,60%)	1(3,60%)	0
	Ameaçar, para ter relações sexuais	27(96,40%)	0	0	1(3,60%)	27(96,40%)	0	1(3,60%)	0
	Forçar a beijar	19(67,90%)	5(17,90%)	3(10,70%)	1(3,60%)	21(75,00%)	3(10,70%)	2(7,10%)	2(7,10%)
VP	Dizer coisas para irritar	10(35,70%)	12(42,90%)	6(21,40%)	0	9(32,10%)	9(32,10%)	8(7,10%)	2(7,10%)
	Usar tom de voz agressivo	6(21,40%)	16(57,10%)	5(17,90%)	1(3,60%)	8(28,60%)	10(35,70%)	6(21,40%)	4(14,30%)
	Insultar	27(96,40%)	1(3,60%)	0	0	22(78,60%)	4(14,30%)	1(3,60%)	1(3,60%)
	Culpabilizar	11(39,30%)	8(28,60%)	8(28,60%)	1(3,60%)	11(39,30%)	6(21,40%)	7(25,00%)	4(14,30%)
	Acusar	18(64,30%)	8(28,60%)	0	2(7,10%)	15(53,60%)	4(14,30%)	7(25,00%)	2(7,10%)
	Ameaçar, terminar o namoro	16(57,10%)	7(25,00%)	3(10,70%)	2(7,10%)	13(46,40%)	9(32,10%)	5(17,90%)	1(3,60%)

Nota. Violência física- VF; Violência sexual- VS; Violência psicológica- VP.

Em relação à frequência dos diferentes comportamentos, as mulheres relataram, na VF e VS, uma percentagem muito baixa de comportamentos violentos, tanto na perpetração como na vitimação. Os comportamentos de perpetração de VF mais relatados, por uma pequena minoria de mulheres, foram atirar coisas e empurrar. Quanto à vitimação, os comportamentos mais frequentes foram atirar coisas e bofetear. Em relação à VS, tanto na perpetração como na vitimação, o comportamento mais frequente foi forçar a beijar. Quanto à VP, na perpetração e na vitimação, os comportamentos mais frequentes foram dizer coisas para irritar, culpabilizar e usar tom de voz agressivo (Quadro 5).

Quadro 5

Frequência dos Comportamentos de Perpetração e Vitimação nas Mulheres

Tipos de violência	Itens	Perpetração				Vitimação			
		<i>Nunca</i>	<i>Raramente</i>	<i>Às vezes</i>	<i>Frequent.</i>	<i>Nunca</i>	<i>Raramente</i>	<i>Às vezes</i>	<i>Frequent.</i>
		<i>n(%)</i>	<i>n(%)</i>	<i>n(%)</i>	<i>n(%)</i>	<i>n(%)</i>	<i>n(%)</i>	<i>n(%)</i>	<i>n(%)</i>
VF	Atirar coisas	136(86,10%)	18(11,40%)	2(1,10%)	2(1,10%)	145(91,80%)	8(5,10%)	5(3,20%)	0
	Pontapear	148(93,70%)	8(5,10%)	2(1,30%)	0	149(94,30%)	7(4,40%)	1(0,60%)	1(0,60%)
	Bofetear	149(94,30%)	7(4,40%)	2(1,30%)	0	145(91,80%)	8(5,10%)	4(2,50%)	1(0,60%)
	Empurrar	137(86,70%)	19(12,00%)	2(1,30%)	0	149(94,30%)	5(3,20%)	3(1,90%)	1(0,60%)
VS	Tocar sexualmente	157(99,40%)	0	1(0,600%)	0	151(95,60%)	6(3,80%)	1(0,60%)	0
	Forçar a ter relações sexuais	158(100%)	0	0	0	153(96,80%)	3(1,90%)	2(1,30%)	0
	Ameaçar, para ter relações sexuais	158(100%)	0	0	0	156(98,70%)	1(0,60%)	1(0,60%)	0
	Forçar a beijar	126(79,70%)	27(17,10%)	3(1,90%)	2(1,30%)	124(78,50%)	26(16,50%)	5(3,20%)	3(1,90%)
VP	Dizer coisas para irritar	77(48,70%)	49(31,00%)	26(16,50%)	6(3,80%)	73(46,20%)	50(31,60%)	31(19,60%)	4(2,50%)
	Usar tom de voz agressivo	44(27,80%)	64(40,50%)	42(26,60%)	8(5,10%)	46(29,10%)	63(39,90%)	41(25,90%)	8(5,10%)
	Insultar	127(80,40%)	26(16,50%)	5(3,20%)	0	123(77,80%)	28(17,70%)	7(4,40%)	0
	Culpabilizar	36(22,80%)	58(36,70%)	54(34,20%)	10(6,30%)	36(22,80%)	61(38,60%)	44(27,80%)	17(10,80%)
	Acusar	98(62,00%)	42(26,60%)	13(8,20%)	5(3,20%)	108(68,40%)	30(19,00%)	18(11,40%)	2(1,30%)
	Ameaçar, terminar o namoro	85(53,80%)	51(32,30%)	19(12,00%)	3(1,90%)	103(65,20%)	41(25,90%)	13(8,20%)	1(0,60%)

Nota. Violência física- VF; Violência sexual- VS; Violência psicológica- VP.

A fim de cumprir o segundo objectivo, comparámos as médias obtidas por cada género, para cada tipo de violência, controlando a variável coabitação com o namorado (que, segundo o estudo Machado et al. (2014), se relaciona com a violência entre os membros do casal). No presente estudo, a coabitação não se revelou significativa ($F = 1,39$; $p = 0,212$). Quanto ao género, não se verificaram diferenças na perpetração ($F = 1,17$; $p = 0,314$) nem na vitimação ($F = 1,30$; $p = 0,278$), nos três tipos de violência (Quadro 3).

Atitudes sobre a violência no namoro

Quanto ao terceiro objectivo, os resultados foram apresentados em separado para cada género, devido às diferenças encontradas nas várias dimensões (ver Quadro 6). Os homens legitimam a VPM significativamente mais do que a VFM, a VSM, a VPF e a VFF e legitimam a VSF significativamente mais do que a VFM e VSM. As mulheres legitimam a VPM significativamente mais do que as restantes, e legitimam a VPF significativamente mais do que a VFM, a VSM, e a VSF (Quadros 6 e 7).

Quadro 6

Estatísticas Descritivas e Comparações de Género nas Atitudes sobre a Violência no Namoro

Variáveis	Masculino		Feminino		<i>F</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
VPM	1,95	0,53	1,52	0,40	24,46	<0,001
VFM	1,42	0,59	1,30	0,43	1,57	0,212
VSM	1,57	0,61	1,25	0,35	15,51	<0,001
VPF	1,67	0,61	1,41	0,46	6,87	0,009
VFF	1,60	0,53	1,33	0,47	7,55	0,007
VSF	1,92	0,59	1,32	0,37	49,98	<0,001

Nota. Análise multivariada da variância obtida pelo teste de Pillai. Atitudes acerca da violência psicológica feminina (VPM), Atitudes acerca da violência física masculina (VFM), Atitudes acerca da violência sexual masculina (VSM), Atitudes acerca da violência psicológica feminina (VPF), Atitudes acerca da violência física feminina (VFF), Atitudes acerca da violência sexual feminina (VSF).

De seguida, focámos o quarto objectivo, comparando as médias por género, controlando a variável coabitação com o namorado, com base na qual não se verificaram diferenças entre grupos ($F = 1,26$; $p = 0,276$). A nível geral, verificaram-se diferenças significativas entre géneros ($F = 8,23$; $p < 0,001$), logo, as atitudes são diferentes entre os homens e mulheres. Essas diferenças verificaram-se em todas as subescalas das atitudes (excepto na VFM), tendo os homens atitudes mais legitimadoras da violência (Quadro 6).

Quadro 7

Comparações entre Atitudes sobre a Violência no Namoro

Variáveis	Masculino		Feminino	
	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
VPM vs VFM	7,81	< 0,001	6,76	<0,001
VPM vs VSM	3,95	<0,001	8,35	<0,001
VPM vs VPF	4,21	<0,001	3,99	<0,001
VPM vs VFF	3,39	0,002	5,57	<0,001
VPM vs VSF	0,33	0,743	6,14	<0,001
VFM vs VSM	-1,47	0,154	1,73	0,086
VFM vs VPF	-2,54	0,017	-3,49	0,001
VFM vs VFF	-1,82	0,080	-1,21	0,229
VFM vs VSF	-4,63	<0,001	-0,47	0,641
VSM vs VPF	-0,81	0,423	-4,89	<0,001
VSM vs VFF	-0,20	0,846	-2,61	0,010
VSM vs VSF	-3,95	0,001	-2,40	0,018
VPF vs VFF	0,73	0,473	2,62	0,010
VPF vs VSF	-2,39	0,024	2,98	0,003
VFF vs VSF	-2,67	0,013	0,42	0,674

Nota. O nível de significância considerado foi 0,003 (correção de Bonferoni), dado existirem múltiplas comparações. Atitudes acerca da violência psicológica feminina (VPM), Atitudes acerca da violência física masculina (VFM), Atitudes acerca da violência sexual masculina (VSM), Atitudes acerca da violência psicológica feminina (VPF), Atitudes acerca da violência física feminina (VFF), Atitudes acerca da violência sexual feminina (VSF).

Correlatos dos comportamentos de violência por género

Quanto ao quinto objectivo, na VP, para homens e mulheres, os correlatos positivos são a duração na relação, a VPM, a VFM, a VPF e o evitamento experiencial; o correlato negativo é a satisfação relacional. Houve correlatos positivos apenas para os homens (i.e., consumo de drogas) e apenas para as mulheres (i.e., VFF; Quadro 8).

Na VF, para homens e mulheres, os correlatos positivos são VPM, VFM, VSM e evitamento experiencial. Verificou-se também um correlato negativo que foi a satisfação relacional. Apenas para os homens, o consumo de drogas é um correlato positivo. Apenas para as mulheres, os correlatos positivos foram VPF, VFF e VSF (Quadro 8).

Na VS, para os homens, os correlatos positivos foram VPM, VFM e VSM (Quadro 8).

Quadro 8

Correlações entre a Perpetração de Violência e as Restantes Variáveis do Estudo por Género

Variáveis	Masculino						Feminino			
	VP		VF		VS		VP		VF	
	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>
Consumo de álcool	0,08	0,693	0,21	0,285	0,05	0,818	-0,01	0,952	0,12	0,137
Consumo de drogas	0,52	0,004	0,71	<0,001	0,25	0,194	0,04	0,598	0,10	0,201
Duração da relação	0,37	0,050	0,01	0,964	-0,08	0,701	0,18	0,022	0,09	0,242
Satisfação relacional	-0,46	0,015	-0,03	0,866	0,26	0,187	-0,41	<0,001	-0,30	<0,001
VPM	0,61	0,001	0,57	0,002	0,57	0,001	0,27	0,001	0,26	0,001
VFM	0,48	0,010	0,62	<0,001	0,54	0,003	0,22	0,006	0,34	<0,001
VSM	0,28	0,153	0,45	0,016	0,58	0,001	0,06	0,426	0,30	<0,001
VPF	0,41	0,032	0,23	0,244	0,19	0,341	0,35	<0,001	0,45	<0,001
VFF	0,17	0,391	0,06	0,776	0,02	0,918	0,21	0,007	0,41	<0,001
VSF	0,33	0,086	0,23	0,232	0,19	0,330	0,08	0,330	0,23	0,003
Evitamento experiencial	0,53	0,004	0,65	<0,001	0,33	0,082	0,29	<0,001	0,23	0,004

NOTA. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$, *** $p < 0,001$; Atitudes acerca da violência psicológica feminina (VPM), Atitudes acerca da violência física masculina (VFM), Atitudes acerca da violência sexual masculina (VSM), Atitudes acerca da violência psicológica feminina (VPF), Atitudes acerca da violência física feminina (VFF), Atitudes acerca da violência sexual feminina (VSF).

As estatísticas descritivas referentes à satisfação na relação e evitamento experiencial estão no Quadro 9.

Quadro 9

Estatísticas Descritivas da RAS e AAQ-II por Género

	Masculino		Feminino	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
RAS	4,19	0,56	4,33	0,60
AAQ-II	19,14	9,93	21,53	8,76

Nota. Escala de Satisfação Relacional (RAS); Questionário de aceitação e acção (AAQ-II).

Discussão

Este estudo focou a violência no namoro entre estudantes universitários. No primeiro objectivo, os resultados obtidos suportaram a hipótese, verificando-se que a VP é a mais frequente tanto no género feminino como no género masculino, o que vai ao encontro da literatura (Antunes, 2016; Caridade & Machado, 2010; Duarte & Lima, 2006; Fernandes et al., 2013; Nelas et al., 2016; Paiva & Figueiredo, 2005; Rodrigues et al., 2011). Alguns estudantes universitários utilizam a VP para chamar a atenção do namorado (através das emoções negativas, e.g., raiva, ira). Também alguns perpetradores utilizam a VP para ajudar a regulação emocional (Shorey et al., 2012). A explicação para a VP ser a mais perpetrada poderá também estar associada ao facto de este tipo de violência ser socialmente mais aceite e ser menos punida pela sociedade, ao contrário da VF, que é socialmente mais censurada e penalizada judicialmente. Também é possível que, no caso da VF, esta não seja relatada por medo das vítimas em acusar o seu agressor, tornando-se difícil aceder às verdadeiras taxas de incidência (Paiva & Figueiredo, 2005).

Em relação ao segundo objectivo, os resultados obtidos no presente estudo vão parcialmente ao encontro da literatura internacional e nacional (Antunes, 2016; Caridade, 2011; Cornelius et al., 2010; Flake et al., 2013; Paiva & Figueiredo, 2005; Shorey et al., 2008; Shorey et al., 2012; Swan et al., 2008), a qual não é consensual. Segundo Antunes (2016), muitas vezes, quem comete violência sobre o namorado também sofre de violência. Vários autores (Paiva & Figueiredo, 2004; Machado, Matos, & Moreira, 2003) defendem que a violência entre namorados se caracteriza por trocas mútuas de violência, afastando a alegação comum de que os homens são os perpetradores e as mulheres, as vítimas. Por outro lado, Marques (2016) salienta que, em estudos anónimos, os homens

podem sentir-se mais protegidos, logo pode ser menos difícil assumirem o papel de vítima.

Quanto ao terceiro objectivo, os resultados obtidos no presente estudo vão ao encontro da literatura (Antunes, 2016; Caridade, 2011; Monteiro, 2015), na medida em que ambos os géneros legitimam significativamente mais a VPM do que os outros tipos de violência. Para Rodrigues et al. (2011), a avaliação da gravidade de um tipo de violência é dada consoante o seu conhecimento e o que é transmitido pela sociedade circundante, sendo que alguns jovens consideram a VF a mais grave porque é a mais conhecida, pela sua penalização a nível da lei judicial. Segundo Straus (2004), a violência feminina é desvalorizada e encarada como pouco grave, por parte dos estudantes universitários. Segundo Caridade (2011), embora os jovens demonstrem alguma desaprovação em relação à violência, diferenciam-na em função da sua gravidade e tipo, mostrando maior tolerância à VP. Além disso, os jovens revelam uma atribuição da responsabilidade à vítima pela violência no geral. A desculpabilização ou minimização da violência também ocorre quando é cometida por motivos e em circunstâncias específicas: em privado, de forma impulsiva, assumindo formas percebidas como menos graves (controlo, bofetadas, insultos), quando é atribuída a problemas psicológicos do agressor ou quando é seguida de um pedido de desculpas (Caridade, 2011). Muitas vezes, os jovens apresentam algumas justificações (como, por exemplo, o ciúme) como fortes desculpabilizadores da violência. Dixe e Santo (2013) concluíram que tanto o género masculino como o género feminino condenam os actos de violência nas relações íntimas, embora exista alguma legitimação para alguns actos.

Quanto ao quarto objectivo, os homens apresentaram maior legitimação da violência do que as mulheres. Estes dados são concordantes com outros estudos realizados (Antunes, 2016; Caridade, 2011; Machado, Matos, & Moreira, 2003; Prince & Byers, 1999). Segundo Caridade (2011), os homens revelam percepções mais tolerantes acerca da violência que exercem sobre a namorada. Tal deriva da crença de que a violência pode ser justificável face a determinadas condutas das mulheres, pelo que minimizam a “pequena” violência e acreditam que esta pode ser atribuída a causas externas e fora do seu controlo. Além disso, Machado, Gonçalves, Matos e Dias (2007) justificam esta legitimação com a influência parental. Os pais de alguns jovens podem legitimar a violência, tendo muitos crescido num regime político autoritário caracterizado por uma estrutura familiar muito tradicional, em que os homens mandavam, fruto de assegurarem o sustento familiar, o que lhes conferia autoridade sobre as companheiras.

Segundo Matos, Machado, Caridade e Silva (2006), a legitimação de certas atitudes poderá estar relacionada com a influência dos factores sócio-culturais, que poderão interferir nas percepções acerca da violência e na forma como os homens lidam com situações percebidas como desafiantes nas suas relações de intimidade. Especificamente, alguns referenciais culturais e educativos ainda dominantes defendem frequentemente o controlo do homem sobre a mulher, assim como valorizam ou legitimam comportamentos de violência no contexto íntimo. Estas percepções promovem a desculpabilização do agressor pela violência ou a legitimação desta em algumas circunstâncias. Outra explicação dada por Machado et al. (2014) para a legitimação da violência pode partir do meio violento em que os jovens vivem, tornando os seus comportamentos e os do(a) namorado(a) mais desculpáveis. Esta diferença também pode ser explicada pela legitimação da violência na nossa sociedade (por exemplo, "Por vezes, os rapazes não conseguem evitar insultar as namoradas"; "Normalmente um namorado não bate na namorada a não ser que ela não mereça", "É normal uma rapariga gritar e insultar o namorado quando fica furiosa"), que concordam com estas crenças e desaprovam e penalizam a violência.

Em relação ao quinto objectivo, estabeleceram-se duas hipóteses. Quanto à hipótese 5a, os resultados obtidos apoiam-na e vão ao encontro da literatura (Shorey et al., 2014; Testa & Leonardo, 2001). Quanto maior satisfação houver na relação, menores são os comportamentos de violência (Khaddouma et al., 2016; Shorey et al., 2014; Testa & Leonardo, 2001). De acordo com a hipótese 5b, verificaram-se correlações positivas entre o evitamento experiencial e a VF, VP e VS. Estes resultados são concordantes com a literatura (Banyard et al., 2006; Hickman et al., 2004; Shorey et al., 2011, 2014). O evitamento experiencial pode levar à redução de emoções indesejadas, o que pode ser favorável a curto prazo. No entanto, a contenção prolongada das emoções pode resultar em violência e uso de substâncias. Esta violência começa por ser psicológica e, posteriormente, física. Em suma, a dificuldade na regulação das emoções pode levar à VF, VP e VS (Hayes et al., 2004; Shorey et al., 2012, 2014).

Foram explorados outros correlatos da violência no namoro. No que diz respeito ao consumo de álcool, os nossos resultados vão parcialmente ao encontro da literatura nacional (Borges, 2016). A literatura nacional e internacional salienta maioritariamente a relação positiva entre a violência e o consumo de álcool (Ávila, 2013; Shorey et al., 2015; Shorey et al., 2014; Shorey et al., 2011). Tal não se verificou no nosso estudo, o que pode estar relacionado com a medida utilizada (i.e., uma pergunta, focando a frequência de

consumo de álcool). Quanto ao consumo de drogas, os resultados obtidos vão parcialmente ao encontro da literatura, sendo que apenas para o gênero masculino se verificou relação com VP e VF (Shorey et al., 2011; Tontodonato & Crew, 1992). O uso de drogas potencia a violência em pessoas numa relação íntima, mudando o seu comportamento (Nabors 2010; Moore et al., 2008; Saldivia & Vizcarra, 2012; Shorey et al., 2011). A influência do consumo de drogas na violência depende não só do tipo de droga, como do gênero do consumidor. É possível que a utilização de drogas só por si não explique a violência, dado que a primeira pode estar associada com outro tipo de variáveis (e.g., álcool, satisfação na relação, idade, gênero; Moore et al., 2008). Ressaltamos que a avaliação desta variável se baseou numa única pergunta, o que pode constituir uma limitação.

No que diz respeito à duração da relação, os resultados obtidos no nosso estudo vão parcialmente ao encontro da literatura, mostrando que a duração da relação se relaciona com a VP em ambos os gêneros. Segundo a literatura, a duração da relação pode levar ao aumento da frequência da violência no namoro (Cabral et al., 2012; Dixe et al., 2011; Hammock & O'Hearn, 2002; Lewis & Fremouw, 2001; Luthra et al., 2006; Mason & Smithey, 2012; Miller et al., 2011; Nelas et al. 2016), enquanto outros autores defendem que a duração da relação não se associa com a violência (Couto, 2013). Segundo Miller (2011), Luthra e Gidycz (2006) e Mason e Smithey (2012), à medida que a relação evolui, aumenta o conhecimento acerca dos pontos fracos e fortes do parceiro, assim como a confiança. Desta forma, podemos afirmar que se desenvolve um maior à-vontade para apontar erros no comportamento do outro, mas também para o atacar nos seus pontos fracos. O aumento paralelo da duração da relação e do grau de confiança permite não só criticar, como também punir o parceiro. Quanto mais envolvida a pessoa estiver na relação, mais provável será que considere a violência exercida pelo outro como aceitável (Arias, Samios, & O'Leary, 1987; Bethke & DeJoy, 1993; Hanley & O'Neill, 1997).

Relativamente às atitudes acerca da violência no namoro, os resultados obtidos vão ao encontro da literatura (Arias et al., 1987; Hanley & O'Neill, 1997; Machado et al., 2014; Matos et al., 2006). Segundo Caridade (2011), muitas vezes, no namoro, o comportamento violento do perpetrador tende a ser atribuído pelas vítimas a tendências passageiras e não é percebido como violento. Segundo Machado et al. (2014), os estatutos de perpetrador e de vítima estão associados a uma maior tolerância da violência. As vítimas são mais tolerantes face à “pequena violência” (por exemplo: dar uma chapada

quando está chateado; usar tom de voz agressivo; dizer coisas para irritar). Alguns autores Dixe e Santo (2013) e Caridade (2011), explicam que as crenças influenciam os comportamentos e são interiorizadas desde o momento em que existe socialização, servindo de guia para a interpretação do mundo. Segundo Caridade (2011) a legitimação da violência no namoro é uma consequência de crenças erróneas que desculpabilizam estes actos violentos.

Limitações do estudo

Este estudo apresenta várias limitações: em primeiro lugar, embora a dimensão da amostra seja razoável, existe desproporcionalidade entre géneros, verificando-se uma clara maioria do género feminino face ao género masculino. Em segundo lugar, houve algumas limitações relativas às medidas utilizadas. A extensão dos instrumentos utilizados, sendo o CADRI e a EAVN questionários com um elevado número de itens, pode ter sido problemática a dois níveis: alguns participantes podem ter desistido durante o preenchimento do protocolo; e pode ter havido níveis consideráveis de fadiga dos participantes. Adicionalmente, os instrumentos utilizados são vulneráveis à desejabilidade social, visto que nem sempre a informação facultada corresponde ao comportamento dos respondentes, podendo estes responder o que percebem como sendo socialmente aceite pela sociedade. Por fim, é de referir a retirada da subescala VSF (CADRI), sendo a sua consistência interna muito baixa, dada a ausência de variância nas respostas. Em terceiro lugar, destacamos o facto de os questionários serem respondidos somente por um elemento da díade, o que pode gerar enviesamentos como a sobre ou subestimação de determinados comportamentos do(a) namorado(a).

Com base nestas limitações e nos resultados obtidos, esta investigação pode servir de suporte para futuras investigações.

Sugestões para estudos futuros

Quanto às sugestões para futuras investigações, gostaríamos de salientar, em primeiro lugar, é a partir de mais estudos nesta temática que se pode amplificar o conhecimento que possuímos acerca deste fenómeno, podendo melhorar a sua conceptualização, as estratégias de prevenção e a resposta às múltiplas necessidades que ele coloca. Em segundo lugar, a obtenção de uma amostra mais equilibrada, em termos de géneros. Adicionalmente, sugerimos o recurso a um desenho longitudinal, que permitirá perceber de que modo as relações de namoro evoluem num contexto de

violência. Em terceiro lugar, também seria importante considerar outras formas de relações íntimas, nomeadamente os relacionamentos homossexuais, comparando-os com os relacionamentos heterossexuais (Freedner, Freed, Yang, & Austin, 2002). Em quarto lugar, poderá ser importante, em futuras investigações, utilizar uma escala direccionada aos consumos de substâncias. Alguns estudos que contemplaram esta variável utilizaram, por exemplo, a versão portuguesa da DASES – Drug Avoidance Self-Efficacy Scale (Trigueiros & Gonçalves, 2012), uma escala originalmente elaborada por Martin e colegas (1995). Em quinto lugar, seria importante analisar os comportamentos e as atitudes não só do respondente como também do outro elemento da díade. Por último, seria relevante analisar os motivos conducentes à VP, para ambos os géneros, e perceber em que contexto estes comportamentos foram perpetrados.

Pontos fortes do estudo

Consideramos que o nosso estudo contribuiu para um melhor conhecimento da violência nos relacionamentos de namoro de estudantes universitários portugueses, porque, em primeiro lugar, valorizámos a associação entre atitudes e comportamentos, bem como outros correlatos. Em segundo lugar, este estudo ajuda a contornar a limitação da escassez de estudos que abordem a violência no namoro, especificamente no contexto do ensino superior nacional. A maioria dos estudos nacionais encontrados focaram-se nos adolescentes e nos estudantes do ensino secundário. Em terceiro lugar, avaliámos a frequência dos comportamentos violentos, quer ao nível da perpetração, quer ao nível da vitimação. Por fim, um dos principais pontos fortes deste estudo é incluir uma amostra composta por estudantes universitários de Norte a Sul do país, embora as regiões não estejam igualmente representadas.

Implicações clínicas decorrentes dos resultados obtidos

Os programas de prevenção centram-se maioritariamente na redução da VF. Muitas vezes, a VP é um precipitante de outras formas de violência, especificamente da VF (Baker & Stith, 2008; Sears, Byers, Whelan, & Saint-Pierre, 2006; Woodin & O’Leary, 2010). Assim, o foco na redução da VP pode levar à redução simultânea de ambas. Uma das primeiras técnicas a ser utilizada na prevenção da VP deve ser a abordagem psicoeducacional, correspondendo à definição e explicação das consequências negativas destes comportamentos. Além disso, o treino de competências de comunicação pode ser implementado para aumentar os comportamentos adaptativos e

não agressivos nas interações entre namorados. Poder-se-iam adotar algumas técnicas da terapia comportamental de casais (O'Farrell & Fals-Stewart, 2006). Em segundo lugar, as campanhas de sensibilização não devem ser só dirigidas às mulheres, mas também aos homens. Por conseguinte, devemos sensibilizar os homens para a natureza agressiva de actos de que são vítimas pelas suas namoradas, que não denunciam por vergonha ou por desvalorização dos comportamentos. Em terceiro lugar, devido às diferenças de género quanto à legitimação das atitudes, os programas de prevenção devem incluir especificidades para homens e mulheres.

A conclusão que tiramos desta investigação é a confirmação da necessidade de intervir na violência no namoro de estudantes universitários, através de programas de prevenção para os jovens em fase de namoro, de forma a minimizar a probabilidade de que a violência continue para além do namoro. Também seria essencial reforçar a informação e o conhecimento sobre a temática junto da população, com especial enfoque nas idades mais precoces, actuando nas escolas secundárias e nas universidades.

Bibliografia

- Antunes, O. (2016). *Violência nos relacionamentos íntimos em estudantes universitários* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias-Escola de Psicologia e Ciências da Vida. Lisboa, Portugal.
- Arias, I., Samios, M., & O'Leary, D. K. (1987). Prevalence and Correlates of Physical Aggression During Courtship. *Journal of Interpers Violence*, 2, 82-90. doi: 10.1177/088626087002001005
- Ávila, A. C. C. (2013). *Violência entre parceiros íntimos: Análise da relação com o consumo de drogas e álcool numa amostra de estudantes do ensino superior* (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal.
- Baker, C. R., & Stith, S. M. (2008). Factors predicting dating violence perpetration among male and female college students. *Journal of Aggression, Maltreatment and Trauma*, 17, 227–244. doi.org/10.1080/10926770802344836
- Banyard, V. L., Cross, C., & Modecki, K. L. (2006). Interpersonal violence in adolescence: Ecological correlates of self-reported perpetration. *Journal of Interpersonal Violence*, 21, 1314–1332. doi: 10.1177/0886260506291657
- Belsky, J. (1993). Etiology of child maltreatment: a developmental-ecological analysis. *Psychological Bulletin*, 114, 413-434. doi.org/10.1037/0033-2909.114.3.413
- Bethke, T. M., DeJoy, D. M. (1993). An Experimental Study of Factors Influencing the Acceptability of Dating Violence. *Journal of Interpers Violence*, 8, 36-51. doi: 10.1177/088626093008001003
- Borges, I. A. (2016). *Violência no namoro e consumos de substâncias em jovens estudantes universitários* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Fernando Pessoa. Porto, Portugal.
- Cabral, L., Gonçalves, A., & Tomé, D. (2012- Abril). Violência em namoro em estudantes do ensino superior. Comunicação apresentada em Contextos de investigação em saúde. Escola Superior de enfermagem Drº José Timóteo Montalvão Machado, Chaves.
- Carr, J. L., & VanDeusen, K. M. (2002). The relationship between family of origin violence and dating violence in college men. *Journal of Interpersonal Violence*, 17(6), 630–646.

- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas: uma abordagem científica*. Coimbra: Almedina.
- Caridade, S., & Machado, C. (2010). *Violência na intimidade juvenil: Prevalência, factores de risco e atitudes*. In C. Machado (Ed.), *Novas formas de vitimação criminal* (pp. 15-59). Braga: Psiquilíbrios edições.
- Chawla, N., & Ostafin, B. (2007). Experiential avoidance as a functional dimensional approach to psychopathology: An empirical review. *Journal of Clinic Psychology*, 63, 871-890. doi: 10.1002/jclp.20400
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd edition). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates
- Cornelius, T. L., Shorey, R. C., Beebe, S. M. (2010). Self-reported communication variables and dating violence: Using Gottman's marital communication conceptualization. *Journal of Family Violence*, 25, 439–448. doi:10.1007/s10896-010-9305-9
- Cornelius, T. L., & Resseguie, N. (2007). Primary and secondary prevention programs for dating violence: A review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, 12, 364-375. doi: org/10.1016/j.avb.2006.09.006
- Couto, J. M. (2013). *Crenças, distorções cognitivas e violência em relações de namoro* (Dissertação de mestrado). Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz. Almada, Portugal.
- Dardis, C. M., Edwards, K. M., Kelley, E. L., & Gidycz, C. A. (2015). Perceptions of dating violence and associated correlates: A study of college young adults. *Journal of Interpersonal Violence*, 1–27. doi: 10.1177/0886260515597439
- Dixe, M. A. C. R., & Santo, I. D. O. (2013, Outubro). *Atitudes dos jovens face à violência nas relações de intimidade*. Género (s) e Violência (s). Comunicação apresentada no congresso internacional Género (s) e Saúde: (In) Determinações e Aproximações, Coimbra.
- Dixe, M. A. C. R., Rodrigues, A. L., Freire, C., Rodrigues, G., Fernandes, M., & Dias, T. (2011). Construção e validação da escala multidimensional das práticas e comportamentos de vitimização na relação de namoro. *Revista de psicologia*, 1(1), 137-146.
- Duarte, A. P. & Lima, M. L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psychologica*, 43, 105-124.

- Fernandes, M. I. D., Dixe, M. A. C. R., Fabião, J. A. S. A. O., Neves, J. C. O., & Tavares, J. R. M. (2013, Outubro). *Competências inter e intrapessoais em estudantes do ensino superior e violência nas relações de namoro*. Comunicação apresentada no congresso internacional Género (s) e Saúde: (In) Determinações e Aproximações, Coimbra.
- Flake, T. A., Barros, C., Schraiber, L. B., & Menezes, P. R. (2013). Intimate partner violence among undergraduate students of two universities of the state of São Paulo, Brazil. *Revista Brasileira Epidemiologia*, 16(4), 801-816.
- Freedner, N., Freed, L. H., Yang, Y. W., & Austin, S. B. (2002). Dating violence among gay, lesbian and bisexual adolescents: results from a community survey. *Journal of adolescent Health*, 31(6), 469-474.
- Hayes, S. C., Strosahl, K., Wilson, K. G., Bissett, R. T., Pistorello, J., Toarmino, D., et. Al., (2004). Measuring experiential avoidance: A preliminary test of a working model. *The Psychological Record*, 54, 553-578.
- Hayes, S. C., Wilson, K. G., Gifford, E. V., Follette, V. M., & Strosahl, K. D. (1996). Experiential avoidance and behavioral disorders: a functional dimensional approach to diagnosis and treatment. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64, 1152 -1168. doi: org/10.1037/0022-006X.64.6.1152
- Hanley, M. J., & O'Neill, P. (1997). Violence and commitment a study of dating couples. *Journal of Interpersonal Violence*, 12, 685-703. doi: 10.1177/088626097012005006
- Hammock, G., & O' Hearn, R. (2002). Psychological aggression in dating relationships: Predictive models for males and females. *Violence and Victims*, 17, 525–540. doi.org/10.1891/vivi.17.5.525.33715
- Hickman, L. J., Jaycox, L. H., & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents: Prevalence, gender distribution, and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence, & Abuse*, 5, 123–142. doi:10.1177/1524838003262332
- Kashdan, T. B., Barrios, V., Forsyth, J. P., & Steger, M. F. (2006). Experiential avoidance as a generalized psychological vulnerability: Comparisons with coping and emotion. *Behaviour Research and Therapy*, 44, 1301 – 1320. doi: 10.1016/j.brat.2005.10.003
- Khaddouma, A., Shorey, R. C., Brasfield, H., & Febres, J. (2016). Drinking and dating: Examining the link among relationship satisfaction, hazardous drinking, and

- readiness-to-change in college dating relationships. *Journal of College Student Development*, 57, 32-46. doi: org/10.1353/csd.2016.0007
- Lewis, S. F., & Fremouw, W. (2001). Dating violence: A critical review of the literature. *Clinical Psychology Review*, 21, 105–127. doi.org/10.1016/S0272-7358(99)00042-2
- Lind, W. R. (2008). *Casais biculturais e monoculturais: Diferenças e recursos* (Tese de doutoramento não publicada). Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal.
- Luthra, R., & Gidycz, C. (2006). Dating violence among college men and women: evaluation of a theoretical model. *Journal of Interpersonal Violence*, 21, 717- 731. doi: 10.1177/0886260506287312
- Machado, C., Martins, C., & Caridade, S. (2014). Violence in intimate relationships: A comparison between married and dating couples. *Journal of Criminology*, 24, 1-9. doi: 10.1155/2014/897093
- Machado, C. (2010). *Vitimologia: das novas abordagens teóricas às novas práticas de intervenção*. 1ª edição. Braga: Psiquilíbrios Edições
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships: Self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25, 43-52. doi: 10.1007/s10896-009-9268-x
- Machado, C., Gonçalves, M., Matos, M., & Dias, A. R. (2007). Child and partner abuse: Self-reported prevalence and attitudes in the north of Portugal. *Child Abuse & Neglect*, 31, 657–670. doi: 10.1016/j.chiabu.2006.11.002
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psycologica*, 33, 69-83.
- Makepeace, J. M. (1981). Courtship violence among college students. *Family Relations*, 30, 97 – 102. doi: 10.2307/584242
- Marques, M. A. (2016). *Violência no namoro em estudantes universitários portugueses*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade da Beira Interior: Ciências da Saúde. Covilhã, Portugal.
- Mason, B., & Smithey, M. (2012). The effects of academic and interpersonal stress on dating violence among college students: A test of classical strain theory. *Journal of Interpersonal Violence*, 27, 974 – 986. doi: 10.1177/0886260511423257
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(1), 55-75.

- Miller, L. M. (2011). Physical abuse in a college setting: A study of perceptions and participation in abusive dating relationships. *Journal of Family Violence*, 26, 71–80. doi:10.1007/s10896-010-9344-2
- Monteiro, A. S. C. (2015). *Avaliar atitudes para prevenir comportamentos: As atitudes dos jovens universitários acerca da violência no namoro* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade do Porto: Universidade de psicologia e ciências da educação. Porto, Portugal.
- Moore, T. M., Stuart, G. L., Meehan, J. C., Rhatigan, D. L., Hellmuth, J. C., & Keen, S. M. (2008). Drug use and aggression between intimate partners: A meta-analytic review. *Clinical Psychology Review*, 28, 247–274. doi: 10.1016/j.cpr.2007.05.003
- Mouzos, J., & Makkai T. (2004). Women's experiences of male violence in Australia: Findings from the Australian component of the International violence against women survey (IVAWS). *Research and Public Policy Series*, 56, 1-144.
- Murray, C. E., Wester, K. L., & Paladino, D. A. (2008). Dating violence and self-injury among undergraduate college students: Attitudes and experiences. *Journal of College Counseling*, 11, 42-57. doi: 10.1002/j.2161-1882. 2008.tb 00023
- Murray, C. E. & Kardatzke, K. N. (2007). Dating violence among college students: Key issues for college counselors. *Journal of College Counseling*, 10, 79-89. doi: 10.1002/j.2161-1882. 2007. tb00008.x
- Nabors, E. L (2010). Drug use and intimate partner violence among college students: na in-depth exploration. *Journal of Interpersonal Violence*, 25, 1043–1063. doi:10.1177/0886260509340543
- Nelas, P., Chaves, C., Coutinho, E. Cruz, C., & Amaral, O. (2016). Violência no namoro, adaptabilidade e coesão familiar em estudantes do ensino superior. *International Journal of Developmental and Educational Psychology. Revista de Psicologia*, 2, 357-364. doi. 10.17060/ijodaep. 2016.n1. v2.234
- O' Farrell, T. J., & Fals - Stewart, W. (2006). *Behavioral couples therapy for alcoholism and drug abuse*. New York: Guilford Press.
- O'Leary, K. D., Barling, J., Arias, I., Rosenbaum, A., Malone, J., & Tyree, A. (1989). Prevalence and stability of physical aggression between spouses: A longitudinal analysis. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 57, 263–268. doi.org/10.1037/0022-006X.57.2.263

- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5, 243-272.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5, 243-272.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4 (2), 165-184.
- Price, E. L., Byers, E. S. (1999). Dating violence research team. The attitudes towards dating violence scales: Development and initial validation. *Journal of Family Violence*, 4(14), 387-415.
- Pinto-Gouveia, J., Gregório, S., Dinis, A., & Xavier, A. (2012). Experiential Avoidance in Clinical and Non-Clinical Samples: AAQ-II Portuguese Version. *International Journal of Psychology & Psychological Therapy*, 12(2), 139-156.
- Pires, A. R. A. (2011). *Coping diádico e satisfação conjugal: Um estudo em casais portugueses* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal.
- Rodrigues, A. L., Freire, C., Rodrigues, G., Fernandes, M., & Dias, T. (2011). Práticas e comportamentos de vitimização na relação de namoro em estudantes do ensino superior. *International Journal of Developmental and Educational Psychology. Revista de Psicologia*, 4, 197-206.
- Saavedra, R., Machado, C., Martins, C., & Vieira, D. (2011). *Inventário de conflitos nas relações de namoro entre adolescentes* (CADRI), In C. Machado, M. Gonçalves, L. Almeida & M.R. Simões (Eds), *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica*, vol.1 (pp. 269-283). Coimbra: Edições Almedina.
- Saavedra, R. M. M. (2010). *Prevenir antes de remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis*. (Tese de Doutoramento publicada). Universidade do Minho. Braga, Portugal.
- Saldivia, C., & Vizcarra, B. (2012). Consumo de drogas Y violencia en el noviazgo en estudiantes universitarios del sur de Chile. *Terapia psicológica*, 30 (2), 43-49.
- Sears, H. A., Byers, E. S., Whelan, J. J., Saint-Pierre, M. (2006). "If it hurts you, then

- it is not a joke” Adolescents’ ideas About Girls’ and boys’ use and experience of abusive behavior in dating relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 21, 1191-1207. doi: 10.1177/0886260506290423
- Shorey, R. C., Brasfield, H., Zucosky, H., Febres, J., & Stuart, G. L. (2015). The relation between alcohol use and psychological, physical, and sexual dating violence perpetration among male college students. *Violence Against Women*, 21, 151–164. doi:10.1177/1077801214564689
- Shorey, R. C., Elmquist J., Zucosky, H., Febres J., Brasfield, H., & Stuart, G. L. (2014). Experiential avoidance and male dating violence perpetration: An initial investigation. *Journal of Contextual Behaviour Science*, 3, 117-123. doi: 10.1016/j.jcbs.2014.02.003
- Shorey, R. C., Stuart, G. L., Moore, T. M., & McNulty, J. K. (2014). The Temporal Relationship Between Alcohol, Marijuana, Angry Affect, and Dating Violence Perpetration: A Daily Diary Study with Female College Students. *Psychologic Addict Behaviour*, 28, 516 – 523. doi:10.1037/a0034648
- Shorey, R. C., Temple, J. R., Febres, J., Brasfield, H., Sherman, A. E., & Stuart, G. L. (2012). The consequences of perpetrating psychological aggression in dating relationships: A descriptive investigation. *Journal of Interpersonal Violence*, 27, 2980–2998. doi: 10.1016/j.avb.2011.08.003
- Shorey, R. C., Stuart, G. L., & Cornelius, T. L. (2011). Dating violence and substance use in college students: A review of the literature. *Aggression and violent behavior*, 16, 541–550. doi: 10.1016/j.avb.2011.08.003
- Shorey, R. C., Cornelius, T. L., & Bell, K. M. (2008). A critical review of theoretical frameworks for dating violence: Comparing the dating and marital fields. *Aggression and Violent Behavior*, 13, 185–194. doi: 10.1016/j.avb.2008.03.003
- Straus, M., A., & Gozjolko, K., L. (2014). “Intimate terrorism” and gender differences in injury of dating partners by male and female university students. *Journal Family Violence*, 29, 51–65. doi: 10.1007/s10896-013-9560-7
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of Violence Against Dating Partners by Male and Female University Students Worldwide. *Violence Against Women*, 10, 790-811. doi: 10.1177/1077801204265552

- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The revised conflict tactics scale (CTS2): Development and preliminar psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17, 283 – 316. doi: 10.1177/019251396017003001
- Swan, S. C., Gambone, L. J., Caldwell, J. E., Sullivan, T. P., & Snow, D. L. (2008). A review of research on women's use of violence with male intimate partners. *Violence and Victims*, 23, 301. doi:10.1891/0886-6708.23.3.301
- Teixeira, A. I. G. S. (2015). *Violência física no namoro em estudantes universitários*. (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real, Portugal.
- Testa, M., & Leonard, K. E. (2001). The impact of marital aggression on women's psychological and marital functioning in a newlywed sample. *Journal of Family Violence*, 16, 115-130. doi:10.1023/A:1011154818394
- Thompson, M., P., Sims, L., Kingree, J., B., & Windle, M. (2008). Longitudinal associations between problem alcohol use and violent victimization in a national sample of adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 42, 21-27. doi: 10.1016/j.jadohealth.2007.07.003
- Tontodonato, P., & Crew, B. K. (1992). Dating violence, social learning theory, and gender: A multivariate analysis. *Violence and Victims*, 7 (1), 3–13.
- Vieira, A. M. S. (2013). *Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos numa amostra de estudantes do ensino superior: o género fará a diferença?* (Dissertação de mestrado não publicado). Universidade de Psicologia de Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação Psicologia e de ciências da educação. Coimbra, Portugal.
- Woodin, E. M., & O'Leary, K. D. (2010). A Brief motivational intervention for physically aggressive dating couples, 371–383, 11, 371. doi:10.1007/s11121-010-0176-3